

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura (sem brinde)**

Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	800 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios . . . . .	1\$100 »
Índia, China e America. . . . .	1\$280 »

**Editor e administrador**

**JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA**  
Redactor  
**A. PEIXOTO DO AMARAL**

Typ de **J. F. Fonseca—Pizarra, 74**

**Condições da assignatura (com brinde)**

Por anno (Portugal e Hespanha) . . .	1\$000 reis
Provincias ultramarinas, e União geral dos correios . . . . .	1\$600 »
Numero avulso . . . . .	100 »



## SUMMARIO

*Carta aberta aos Ex.<sup>mos</sup> assignantes do «Progresso Catholico»—Devoção a Maria—SECÇÃO DOCTRINAL: Um artigo extranho, pelo snr. R. C. P.; Centros nacionaes, pelo snr. A.—SECÇÃO CRITICA: Socialismo, christianismo e catholicismo, pelo snr. A. S. Ferreira—SECÇÃO HISTORICA: Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus: P. Gonçalo da Silveira, pelo Rev.<sup>mo</sup> Padre João Vieira Neves Castro da Cruz—SECÇÃO LITTERARIA: Milicia Christã (2.<sup>a</sup> parte), pelo Rev.<sup>mo</sup> Dr. José Rodrigues Cosgaya; Lintino á dôr (poesia), pelo snr. A. Moreira Bello; Pedir e receberes (conto), pelo rev. Fr. A. de Valencia; Crenças e descrentes (romance), pelo snr. A. Peixoto do Amaral—SECÇÃO ILLUSTRADA: Santo Isidoro, bispo e martyr; A consagração do templo de Jerusalem—SECÇÃO NOTICIOSA.*

**Gravuras:** Santo Isidoro, bispo e martyr; A consagração do templo.



Santo Isidoro, Bispo e Martyr

# CARTA ABERTA

As Ex.<sup>mos</sup> Assignantes do.

## PROGRESSO CATHOLICO



Restes a findar o vigesimo terceiro anno da sua publicação vem o proprietario do *Progresso Catholico* dirigir-se a todos os seus Ex.<sup>mos</sup> Assignantes, sollicitando de todos elles o seu valioso auxilio, o que equivale a dizer a cooperação dos homens de bem, para a santa causa da moralidade, da virtude e da religião.

Agora mais do que nunca está demonstrado que da perniciosa leitura dos jornaes libertinos, atheus e sectarios do livre-pensamento só males pôde esperar a sociedade. Quantas faltas commettidas, quantas tibiasas e descrenças, quantos crimes, quantos suicidios não se devem attribuir á deleteria leitura d'esse jornalismo sectario, que escalpella a podridão dos cadaveres, para fazer mal á sociedade, e desvial-a da senda do bem!

D'ahi proveio a nova orientação que espiritos sensatos tentaram estabelecer. Cortar a planta pela raiz era o unico remedio, para atalhar o mal. E de que fôrma se pôde conseguir esse *desideratum*? Protegendo e animando a imprensa catholica a quem está confiada a elevada missão de elucidar as camadas mal encaminhadas da actual sociedade, desviando-as do abysmo que se lhe cavava deante dos pés, e encaminhando-as para a senda da luz, do Evangelho, e das doutrinas da Santa Egreja.

Emquanto não voltar a crença ao povo, emquanto elle fôr mal aconselhado pelos jornaes anti-catholicos tudo ha-de ser maldade, prevaricação, a negação completa do bem e da felicidade!

Conscia d'estes factos, vem a empresa do *Progresso Catholico*, agora que começa a fazer-se luz entre alguns carebros transviados, agora que a sociedade portugueza com o fim de restabelecer o imperio da normalidade e encaminhar as almas para o bem, estabelece em todos os concelhos, e nas mais humildes terras do paiz a nascente instituição dos centros nacionaes,—vem, dizemos pedir aos seus amigos a coadjuvação de que carece para poder augmentar a sua cruzada, pois não é justo, que apoz vinte e tres annos de serviços prestados á Egreja e á Religião, falleça n'este momento, por falta de recursos, quando todos estão convictos de que só a imprensa seria, a imprensa morigerada, a imprensa religiosa pôde levar a cabo a verdadeira regeneração de Portugal.

E quanto era facil conseguir-se esse fim! Bastava que *cada um* dos nossos amigos e assignantes obtivesse *uma unica* assignatura, entre os seus amigos, para que o *Progresso Catholico* podesse, não dizemos viver vida desafogada, mas ao menos poder continuar a sua publicação e contribuir, quanto em suas forças coubesse, para a augusta missão a que se destina cooperar.

De sobejo sabemos que essa missão está de direito reservada ao jornal diario; mas uma publicação semanal, ou quizenal tambem tem um papel importante a representar, porque nem todos teem meios de assignar um jornal diario, mas todos carecem de terem á mão um mentor desinteressado que os encaminhe para o bem.

E o *Progresso Catholico* está n'esse numero, porque além de artigos doutrinaes e de combate, traz noticias religiosas, pondo o leitor ao facto do que de mais importante ocorre no reino e no estrangeiro com relação ao movimento religioso. Além d'isso traz uma secção litteraria que pôde ser lida por todas as pessoas, e uma obra annexa, de grande importancia. A que actualmente traz em publicação é *A vida de Bernadette*, por Henrique de Laserre uma obra de todo o ponto culminante, que immortalisou o seu auctor.

Além d'isso sabem os snrs. assignantes que o *Progresso Catholico* apenas custa 800 réis annuaes, sendo aliás illustrado; e teem os snrs. assignantes a vantagem de terem por brinde a grandiosa obra *Imitação de Christo*, esse poema, o mais sublime devido á mão do homem, ultima edição, annotada pelo Rev.<sup>mo</sup> Padre Manoel Marinho, pagando então annualmente 1\$000 réis.

A empresa previne que *não ha outro brinde*, senão a **Imitação de Christo** encadernada em percalina, para os snrs. assignantes que enviarem a quantia de 1\$000 réis.

Não enviando esta quantia, não teem direito a brinde algum, senão ao jornal e ao folhetim que d'elle faz parte.

Agradecendo esta fineza, que reverte em favor d'uma sociedade que as almas boas tentam regenerar, desde já agradece, reconhecido, subscrevendo-se indistinctamente de todos.

Amigo e humilde servo,

José Fructuoso da Fonseca,

Proprietario do *Progresso Catholico*



## DEVOÇÃO A MARIA

### Mãe de Deus e Mãe dos homens

*Pensae em Maria.*—Maria tirou-me do coração a tristeza e a afflicção, e com a sua suavidade adocou a minha alma. Transformou o meu temor n'uma sancta confiança, e com o seu aspecto mellifluo serenou a minha mente. (S. Boav. Ps. 76). Os que esperam em vós revestem-se d'um amicto de luz e adquirem uma alegria e um jubilo perpetuo (Id. Ps. 89.)

*Invocae a Maria.*—Ave, alegria de Israel, isto é, dos que gemem e sofrem n'este mundo por causa do peccado (B. Alb. Magno). Ave, dôce consolação de nossas almas. (Luiz de Blois). Ave, esperança que patrocina ardentemente os peccadores (S. J. Damasc).

*Alegrae a Maria.*—Vinde, pois, depressa, meus irmãos, e saudemos todos a nobre e dôce Virgem, para que descendamos no seio da sua doçura. *Recitae o Rosario com constancia e devoção.*

## SECÇÃO DOCTRINAL

### Um artigo extranho

**R**ETIRAMOS hoje o artigo da redacção, para darmos cabimento a um outro que recebemos d'um amigo que assigna com as iniciaes do seu nome.

E' como segue:

O *Primeiro de Janeiro* tem sido d'uma teimosia inacreditavel na questão das congregações religiosas. O que admira é que não haja ali uma pessoa illustrada que cohiba o redactor encarregado d'aquella secção de dizer tantas parvoices. Isto não é animosidade, contra o pobre do homem, é simplesmente tedio pelos dislates que ahi se publicam.

Veja-se, por exemplo, o artigo de domingo 29 do corrente. Era dia do archanjo S. Miguel, e por isso deu-me na veneta ler a sua secção pittorescamente denominada *Movimento anti-jesuítico*.

Começa assim:

«O snr. D. Frei José edita mais

uma vez a patusca *blague* de que o *Primeiro de Janeiro* obedece apenas a interesses industriaes na campanha anti-congreganista em que inquebrantavelmente vem empenhado desde fevereiro. Repetia-o no numero do seu *Correio Nacional*, chegado hontem a esta cidade.»

Paremos aqui. Que teimosia a d'este cavalheiro em afirmar que o eminentissimo Cardeal Patriarcha é o editor do *Correio Nacional*! Já se lhe tem dito por varias vezes que a redacção d'aquelle jornal nada tem com o prelado do patriarchado de Lisboa, e elle sempre a ateimar! Deixemos com elle e com a sua educação, a maneira como trata o prelado de mais elevada cathogoria do reino de Portugal. Quanto ao facto, de na sua campanha anti-congreganista, obedecer a interesses industriaes, é uma verdade que toda a gente sabe. Os proprios leitores do seu jornal o sabem perfeitamente. O *apenas* que acima vae transcripto é que não é verdadeiro. Elle não obedece *apenas* a interesses industriaes, porque não corre só atraz dos dezreisinhos; vae mais longe. Não quer ver a camiza lavada no corpo do seu semelhante! E como o *Jornal de Noticias* continua tambem com a questão anti-congreganista (e não anti-jesuítica, como o *Janeiro* lhe chama), elle não cede na sua lenga-lenga. Ora ahi está.

Prosigamos:

«Antes de mais nada resalta esta conclusão do facto apontado pelo agente-mor da Companhia de Jesus em Portugal:—sendo o *Primeiro de Janeiro* o jornal de maior tiragem e de mais vasta leitura no norte do paiz, se no proseguimento da campanha anti-congreganista não desfalceem ainda, é que encontram eco e acceitação no publico as suas palavras. De outro modo teria abandonado a questão. D'aqui não ha fugir.»

Ha, ha, sim senhor. D'ahi ha muito que fugir, porque isso que acaba de sustentar, não é verdade. Quer saber a conclusão que se tira do que disse o *Correio Nacional*? E' que o *Janeiro* não sabe o que diz, e tem inveja dos outros. Mais nada. E não é nada do que diz, por estas simples razões: 1.<sup>a</sup> porque o *Janeiro* não é o jornal de maior tiragem e de mais vasta leitura no norte do paiz, pelo menos não é essa a opinião de seu preclarissimo collega o *Jornal de Noticias* que a si proprio se condecora com eguaes prerogativas e tanto que tira 22:000 exemplares, quando o *Janeiro* só tira 18:000! 2.<sup>o</sup> porque, pelo facto de proseguir diariamente na faina de dizer pateticos sobre as congregações, não se segue que os leitores do seu jornal

lhe applaudam o bom-senso, pois que a grande maioria d'elles passa em claro tam indigesta leitura. Isto sabemos com certeza. O *Janeiro* com essa opinião faz lembrar um individuo muito feio, mas que imagina ser um *non plus ultra* de formosura. E como passa pelas ruas, e ninguem se mostra horrorizado na sua presença, podendo até acontecer que um ou outro amigo o lisonjeie n'essa supposição, mais se convence de que é o *Adonis* em pessoa. O *Janeiro* está na mesma. Como agora nenhum dos seus assignantes se vae despedir á redacção, nem lhe recambia o jornal, conclue o vaidoso redactor que todos morrem d'amores pela sua insulsa prosa, sem se lembrar que já o proloquio dizia: *presumpção e agua benta...* etc.

Continuemos a soporifera prosa:

«Mas temos de conversar com o snr. cardeal patriarcha de Lisboa. O *Primeiro de Janeiro* não é progressista, nem mesmo politico na estreita acceção do termo. Bate moeda no seu cantinho, com a sua effigie, e tanto elogia o que entende digno de louvor, como condemna o que julga contrario aos interesses geraes da nação.»

Temos que pedir desculpa ao *Janeiro*, mas ha-de concorlar que não falla verdade. Bem sabemos que tem dito em muitos artigos editoriaes que não é progressista, mas isso é tactica adoptada para fins que lá sabe; o que é certo é que, se o não é, parece o, e até mais: parece até ser o orgão mais auctorizado d'esse partido no Porto. Pelo menos em locaes, e em correspondencias da provincia, é o que se chama um *progressista da gemma*. E a prova é, que não é verdade, como acima ficou transcripto, que tanto elogia, como condemna, pois que nunca ahi se viu critica alguma aos actos dos progressistas. Haja vista o que o governo progressista fez em 1899, por occasião da peste que grassou no Porto. Onde se encontra ahi a menor critica aos actos e ás prepotencias que então se fizeram?

Mas vejamos mais:

«O snr. cardeal patriarcha de Lisboa deve comprehender, elle que mandou rubricar o seu *Correio Nacional* com estas funambulescas palavras—que nem o Santos Junior as escolheria melhor para os programmas do seu grande Colliseu:—«O maior jornal da tarde em Portugal.» Já o ser grande em tamanho é qualidade recommendavel. Já vae o asno á feira por suas grandes orelhas—salvo o devido respeito!»

Ora aqui temos muito que esmiuçar.

Continua primeiro a teimosia do re-

dactor liberal em ateimar que o eminentissimo cardeal patriarcha é o director, chefe ou editor do *Correio Nacional*, o que é uma perfeita patranhice, que ninguém acredita. Ainda que S. Em.<sup>a</sup> inspirasse alguns artigos para aquelle jornal, acreditará por ventura alguém, que fosse elle quem se dirigisse ao director da typographia a impetrar-lhe aquelle obsequio de estampar no frontispicio do jornal a indicação de que era o *maior jornal da tarde*? Isso, na verdade causa riso, e vem apenas provar a animosidade com que se escreve contra as questões que teem o cunho religioso.

O que, porém, antes de mais nada se desejava saber, era o que o snr. cardeal patriarcha devia comprehender, porque o não diz o sapientissimo redactor. Naturalmente nem elle proprio o sabe. Hoje ha jornalistas d'esse calibre. Mas vamos ao essencial. Então admira-se de que alguém dê importancia a um jornal, exclusivamente pelo seu tamanho? Essa agora não parece escripta por um *jornalista*! Que se pensaria do *Janeiro* se elle amanhã apparecesse com as dimensões da *Provincia*? Diziam logo, é claro: falta lhe a favor publico. Elle que diminuiu ao formato, é porque não pôde sustentar as despezas que fazia. Então, franca mente, um jornal semanal, publicado no formato d'uma folha de papel al-masso tem por ventura a importancia d'um jornal diario, que apresenta, por exemplar o formato do *Commercio do Porto*? Essa realmente é de cabo de esquadra, e não parece, verdade, verdade, sahida da cachimonia dos redactores do *Primeiro de Janeiro*.

R. C. P.

## Centros nacionaes

CONTINUAMOS a publicar a relação dos centros nacionaes que se vão formando:

### Centro de Torres Novas

Rev. José Rodrigues Netto,  
Rev. Julio Faustino de Souza Duque,  
Rev. João Ferreira do Rosario,  
Antonio Vieira.

### Centro de Ponte do Lima

Padre Domingos José de Barros,  
Luiz Joaquim Soares de Caldas,  
Antonio da Costa Parente,  
José Antonio Martins,  
José Antonio Correia da Silva,  
João Antonio de Amorim,  
Manoel José de Araujo.

### Centro de Bouças

Abbate Luiz Antonio Farinhote,  
José Alves Moreira,

Celestino da Silva Ramalho,  
Francisco Antonio Monteiro.

### Centro de Penafiel

Barão do Calvario,  
Joaquim Pereira Sotto-Maior e Menezes,  
Dr. Francisco de Souza Vinhoz,  
Antonio Carlos Moreira,  
Padre Antonio Lourenço da Silva Correia,  
Abbate de Paço de Souza,  
Abbate de Valpedre,  
Abbate de Rans.  
Abbate de S. Vicente de Pinheiro.

### Centro de Tondella

Padre José Firmino Quintães,  
Adriano Lopes Dias,  
Abbate de Mouraz.

### Centro de Lardoza

Abbate José Maria d'Almeida,  
Padre José Augusto d'Almeida,  
Antonio Marques da Costa,  
Jeronymo Duarte d'Almeida,  
José de Mattos,  
Bernardo d'Almeida e Costa,  
Antonio Francisco,  
Antonio Duarte Carrilho,  
José da Costa,  
Alexandre Rodrigues Evo,  
Antonio da Costa,  
José dos Santos,  
Antonio Carrilho,  
Miguel Augusto d'Almeida.

### Centro de Fragozella

Padre Custodio Lopes Ferreira dos Santos,  
José Cardoso Moreira de Mello.

### Centro de Calde

Padre José Lopes,  
Manoel Francisco Braz,  
Joaquim Francisco Mathias,  
Joaquim Luiz Thomé,  
Antonio Luiz Cardoso,  
Manoel Ferreira d'Almeida,  
Manoel Rodrigues Outeirinho,  
Joaquim Ferreira da Fonte,  
Joaquim Rodrigues Morgado,  
Antonio Marques.

### Centro de Alqueidão da Serra

Padre Francisco Carreira Pogas,  
Padre Manoel Affonso e Silva,  
José Pereira Roque,  
Luiz Gaspar da Silva Raposo,  
José Vieira da Rosa,  
Francisco V. da Rosa,  
Manoel V. Alfaiate,  
Manoel V. Amado,  
João Vieira Gomes,  
José da Silva Esteves.

### Centro de Ponte do Rol (Torres Vedras)

Padre Manoel Fernandes Barros,  
Maximino Nicolau dos Santos,  
Joaquim Roque do Valle,  
Antonio Francisco da Cruz,  
Boaventura Roque do Valle,

Faustino Miranda.  
João Maria Rodrigues.

A.

## SECÇÃO CRITICA

### Socialismo, christianismo e catholicismo

CREADOS de graça, hoje, não ha. Eu, nem pagando-lhes bem, sou, por isso, muito bem servido. Sou o seu creado, e nada mais. Creados de graças e a secco, tam sómente hoje os padres, e mais ninguém. «Só elles e mais ninguém servem a Deus por dinheiro, como dizem seus inimigos; elles o ganham a cantar!» quando a mim nem chorar me deixam.

Em 1239 era o salario das missas 120 reis; agora nem por 100 reis eu as posso arranjar. Digo as pela minha pobre alma, etc. Faziam-se 3, 4 e mais assentos do registo parochial n'uma só pagina de papel, quando se faziam; hoje o mais pequeno quasi occupa uma pagina, em duplicado, e ninguém paga mais.

Recordo-me haver e ver muitissimas vezes o que chamavam porteiro. Este punha o seu bordão e o seu chapéu no chão, ao nome do Rei que pronunciava fazia uma continencia, e dizia em voz alta o que dizem os parochos agora da parte do escrivão de fazenda, do administrador de fazenda, delegado, etc. Quem comerá o que ganhava o porteiro?... Mas o peor é que quando eu mais pago mais o governo deve. Será desgoverno talvez?

Não ha governo que roube. Deixar roubar o mesmo é que roubar. Que me importa ser roubado por este ou por aquelle, se o resultado é o mesmo!

Os parochos nada podem fazer para salvarem a patria, com a divida enorme de 200:000 contos de reis, como eu vejo nos jornaes, e 62 mil contos em notas, quando nos tolham, como até agora.

Estes parochos de meu concelho estão de tal maneira tolhidos ainda que, parece, não acreditarem em centros nacionaes. Tam ao abandono tem corrido a pobre nação! Estamos tão acostumados á oppressão que, parece, não podemos largal-a, ou deixal-a sem dominar-nos.

O peor de tudo é resistirmos a Deus para tam sómente agradarmos ás creaturas. Pobres creaturas! O lugar de nosso Creador não nos pertence, de modo algum. Ai do que resiste a Quem o creou (Ps. XIV)! Meu Deus, a Vossa e não a minha vontade me seja manifesta em tudo, nos mandamentos, nos conselhos, nas regras, nas inspira-

ções conforme a estes bons regulamentos, nas ordens d'aquellas pessoas que me governam bem, nos diversos acontecimentos da vida; e sobre tudo, e do maior bom grado, eu me conformo sempre com a vontade amigavelmente boa de meu Deus, tam bom. Quam bom é Deus para quem o teme! E melhor para quem o ama! O temor é preciso com o medo que a presumpção nos perca.

E' preciso ter mais confiança que temor, ser mais filho que ser escravo. Minha temeridade me faz perder o sentimento de um temor salutar; minha pusilanimidade me faz perder a confiança. No meio d'estes dois escolhos, Senhor, dignae-Vos conduzir-me seguro ao porto da salvação eterna. Oh! quam bom é Deus: confiar em Deus é o resumo de todas as virtudes, o mais alto grau de perfeição. Deus fará entrar no paraíso toda e qualquer pessoa que confie no bom prazer divino. «Fiar em Deus, por ser um santo velho, diz o nosso vulgo cego e insano, quando se mostra de repente algum tanto disposto a ver claro!» Mas, em seguida, em lugar de ir para Deus, vae pedir ás creaturas, onde se acha só, e desgraçado!

Pedir a Deus é um tam doce meio, tam poderoso... orar, é a palavra que mais cedo sahe do coração do homem para Deus, pedindo-Lhe mercês,—que desejamos Lhe falar, Lhe confiar uma inquietação, um desejo; e a estas palavras Deus responde: «Meu filho, aqui estou, prompto a te ouvir.»

Fazer oração, é fazer junto do bom Deus o que faz o filho junto de sua mãe, o pobre ao pé d'um rico caridoso e compassivo, um amigo fidelissimo, dedicadissimo.

E orar, é ir ao pé de certa pessoa que nunca se aborrece, que tem o poder emquanto a ouvir favoravelmente as petições que lhe apresentamos, tudo amor para benignamente os acolher. Orar, emfim, é haver á mão a chave do thesouro celeste; é depôr no seio d'um pae um peso que nos esnaga; é o approximar-se de um fogo bemfazejo deante do qual nosso desgosto se firma como a neve ao sol.

A oração é indispensavel. Quem não faz a vontade a Deus, orando nada, pecca; e quem deixa de orar perde-se. A oração de pela manhã é nos tempos actuaes, mais indispensavel de que nunca.

(Continúa)

A. S. FERREIRA.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

CCCXXXVII

#### P. Gonçalo da Silveira

**E** um jesuita portuguez, e um dos primeiros mancebos nobres que correu a alistar-se na nascente milicia christã, n'esse exercito que havia de assombrar o mundo com suas virtudes e sciencia: chamava-se D. Gonçalo da Silveira.

Era d'uma das familias mais nobres e distinctas de Portugal: filho de D. Luiz da Silveira, primeiro conde de Sortelha, e de Dona Brites de Noronha Coutinho. Foi o ultimo dos dez filhos da condessa, morrendo ella d'este parto.

Seu pae D. Luiz tinha sido feito conde de Sortelha por el-rei D. João III que muito estimava esta familia.

Por morte de seu pae, foi o nosso D. Gonçalo, ainda muito joven, para casa de seu cunhado, Luiz Alvares de Tavora, que o entregou aos cuidados dos frades franciscanos, para lhe darem boa educação religiosa.

Pouco depois partiu para Coimbra, a fim de seguir os estudos, sendo a sua morada o velho mosteiro de Santa Cruz onde deu provas d'uma virtude que fazia o pasmo de todos os seus companheiros.

Foi isto em 1540, quando os primeiros filhos de Santo Ignacio de Loyola chegaram a Coimbra. Muitos mancebos da primeira nobreza correram a professar o instituto da Companhia. Entre elles figura D. Gonçalo da Silveira, que tinha então 18 annos de idade.

Não foi a seducção de ninguem, nem o fanatismo, que lhe fizeram dar este passo, como costumam dizer os fanaticos jacobinos e todos os descrentes: foi uma vocação irresistivel, o desejo de caminhar na perfeição religiosa. Gonçalo entrou no noviciado a 9 de junho de 1543, e professou a 1 de novembro de 1544.

Foi uma vocação irresistivel, repito; e por isso nem as considerações de seu irmão mais velho, D. Diogo da Silveira, e d'outros parentes, nem o horror ao martyrio que se lhe apresentava na sua nova carreira, o poderam demover da profissão religiosa, com destino ás missões da India, como era o seu intento.

Em 1550 partiu o P. Gonçalo para Roma, em serviço da Ordem. Ao passar por Gandia tomou o grau de doutor na Universidade d'esta cidade; e isto por obediencia a seus superiores.

Por ordem de D. João III voltou a Portugal e missionou em Coimbra, no Porto e em varias terras da provincia do Minho.

Em 1556 partiu o jesuita Gonçalo da Silveira para a India, pediu a missão da Ethiopia e principiou então o seu ministerio apostolico nas regiões de alem-mar.

Alli converteu grande numero de infieis, soffrendo por esse motivo intoleraveis fomes, sedes e calmas, alem dos continuos perigos de vida.

Converteu e baptizou o imperador de Monomotapa e a rainha; mas, apostatando este monarcha, mandou tirar-lhe a vida. Padeceu o martyrio a 16 de março de 1561.

Em todas as chronicas e historias do tempo se pó-lem ver as heroicidades d'este veneravel religioso da Companhia de Jesus. Não são menos de 50 os auctores que d'elle se occupam.

E' geralmente considerado como veneravel, se bem que ainda não foi reconhecida legalmente a causa do seu martyrio, segundo as noticias que tenho.

(Continúa).

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Milicia Christã

3.<sup>a</sup> PARTE

XIII

#### Uma lembrança que quero fique para memoria

Corriam ledos os dias da existencia civica e religiosa n'esta terra classica de Portugal, quando d'improviso appareceram nos horizontes nuvens borrascosas, que mudaram a placidez dos dias em horrores da noite mais escura.

Mexeu-se remexeu-se, e tornou-se a remexer em porcarias velhas á luz do meio dia, e levantou se tal poeira e tão pestilento cheiro, que o sol das liberdades civicas escureceu-se, e as harmonias magestosas do culto catholico emmudeceram.

As inocentes avezinhas chilradoras recolheram-se ao silencio dos bosques, onde tem seus ninhos e sobre as cidades lançaram-se em horrendo turbilhão as nocturnas aves agoireiras e outras de rapina, grassando aquellas e assuviando estas.

O patriotismo ausentou-se, indo tomar ares alem da fronteira, ou meteu se em copas até ver sorrir outras auras no alto das colinas. A piedade de muitos escondeu as cammandulas e o veu da mãe, da esposa e das filhas, e lhes metten na mão e pelos olhos panfletos e brochuras muito do agrado dos protestantes. A auctoridade

dormiu a somno solto; porque teve o bom ou mau senso de tomar tudo aquillo por brincadeira de carnaval: Deus sabe se virão dias, em que tenha que penitenciar-se. A liberdade foi proclamada, a voz em grito, pelos mesmos que a chicoteavam e a corriam á pedra. A gente, que tal fazia, definiu-se a si muito bem, e menos mal aos seus directores, educadores e aliciadores, que esfregavam as mãos de gosto atraz da cortina, vendo o desembaraço e correção dos seus discipulos.

Deixam os papalvos o seu trabalho ao grito de... viva a pandega, crendo que aquelles 400 reis que então se recebiam pela tal brincadeira continuariam por longos mezes a serem repartidos pelos pandilhas: mas caíram das nuvens da sua ignorancia, quando lhes cheirou e viram e palpam, que por tal serviço não se pillava mais nem um vintem.

Ficaram, coitadinhos! estonteados ao darem-se contas do trambulhão, e tornando em si, não sabiam se daria vivas se morras á tal liberdade, que tão de repente os deixara a ver navios, no olho da rua, sem honras e sem pão.

E passados poucos dias os que antes percorriam as ruas triumphantes, dando vivas a quem queriam e morras, a quem lhes mandavam os directores da festa, estendiam a mão em demanda dos dez reis, aquelles a quem então insultaram. E eram realmente pobres, os que não eram vadiços de profissão, mas nem pedir sabiam: porque o faziam com certos ares de presumpção, que gelavam os mais nobres instintos da misericordia.

E chegaram a serem nas ruas da cidade uma praga mais temivel que os taes ganhafotos lá no Algarve.

Chegou por fim, inda que serodia, a caridosa providencia governamental e preparou-se trabalho, aos que pediam pão.

Conseguiu com a sua altissima influencia que muitos fabricantes tornassem ás fabricas do seu fabrico, o maior favor.

Ficou porém uma turba multa de desgraçados, que não caia em graça a ninguém, e arrumou com ella ás estradas em construcção.

E trolhas, pedreiros, alfaiates e tecelões andam a construir estradas, onde, se os pedreiros tem que fazer no seu officio, os outros nem sabem, nem querem, nem podem trabalhar em taes estuques, nem alinhavar nem tecer em taes peças: mas vencem o jornal, que ainda que parco, lhes deixa continuar a cantar a decantada cantiga de... viva a pandega...

DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA.

## Lenitivo á dor

Piedosos christãos, que acaso  
Ente querido choraes:  
Filha, de candura vaso,  
De virtudes geniaes;  
Terno filho, amigo caro,  
Cujo affecto fino e raro  
Vossa ventura já fez;  
Chorae menos, escutando  
Este factio memorando  
Das actas de Santa Ignez.

Esse intemerato lyrio  
Treze annos só floresceu,  
E o mais barbaro martyrio  
Em todo o viço o colheu,  
Porque, patricia e formosa,  
Rica e virgem fervorosa,  
Torpe pagao regeitou,  
Pois ao divino Cordeiro  
Exclusivo, verdadeiro  
Amor de esposa sagrou.

Do transito da joven santo e pulchro  
Quasi oito dias já passados vão,  
E na gruta do frigido sepulcro,  
Velando seus chorosos paes estão.

Da noite no silencio, eis de repente,  
Perpassando atravez de grande luz,  
Viram de virgens côro refulgente,  
Em cujas vestes puro oiro reluz.

Em meio d'ellas, de oiro fulgurante  
Tambem vestida, Ignez beata vem,  
E á dextra traz cordeiro deslumbrante,  
Que mais que neve ou leite alvura tem.

Vendo tal espectáculo, assonbrados  
Ficam de Ignez os paes e amigos seus,  
Cuidando-se da terra transportados  
Ante as visões esplendidas dos céos.

A's socias pede a angelica santinha  
Sustem um pouco os passos seus gentis,  
Dos que a carpem extincta se avizinha,  
E, em pé junto a seus paes, dóce lhes diz:

«Chorar-me como a morta,  
Bem vêdes, não deveis;  
Mas antes muito importa  
Que paratens me deis.

«Juntos nos alegremos,  
Pois nas mansões de luz  
A todas, com extremos,  
Nos recebeu Jesus.

«Estou nos céos unida  
A'quelle Esposo e Rei,  
Que da terra na vida  
Com todo o affecto amei.»

Disse com meigo olhar e angelico sorriso,  
Logo desvaneceu-se a celestial visão;  
Mas deixou, ao voltar ao summo paraíso,  
A' amargura dos paes suave consolação.

A. MOREIRA BELLO.

## Pedi e recebereis

NA epocha das minhas peregrinações estive em França, de passagem para Roma, e passei uns dias no nosso convento de Marselha. Uma

manhã, de recreio com os padres, chegou o porteiro, annunciando que duas Irmãsinhas dos pobres estavam na sala de espera pediado a toda a pressa um sacerdote, que soubesse hespanhol para assistir a um pobre velho moribundo.

Ao ouvir este pedido todos os olhcs se fixaram em mim. A estes olhares significativos respondo, dizendo:

—Estou prompto: talvez seja algum meu pobre compatriota, que precisa dos auxilios da Religião. E caminhei para a portaria acompanhado d'outro Padre.

Interroguei as Irmãs sobre a vida e costumes do enfermo, e soube que era um estrangeiro que sabia algo de francez, parecendo ter sido homem de fina educação e bons principios, que fôra recebido no Asylo com recommendações d'um alto personagem, que em todo este tempo se mostrara muito reservado; enfim que não era christão pratico, pois, apezar dos medicos o desenganarem, recusava cumprir os deveres da religião.

—Pois bem, disse para as Irmãs vou já. Vamos ver se ganhamos para Deus essa ovelha extraviada.

—Lá o esperamos, responderam ellas.

—Se não chegarmos antes! disse o meu companheiro que me fez o signal para que o seguisse.

—Em nome do Senhor! disse eu, dirigindo-me para a porta; e começamos a caminhar pelas formosas ruas de Marselha dando algumas voltas para não passarmos pelas praças publicas, e centros mais concorridos.

Quando avistamos o asylo, chegavam as Irmãsinhas, que nos esperavam com a Madre superiora á enfermaria, e que me introduziram no quarto do enfermo, tendo-lhe dito antes, uma d'ellas, algumas palavras ao ouvido. Ao aproximar-me da cabeceira, o pobre velho tirou a mão debaixo dos lençoes, estendeu-m'a com fraqueza, e, enquanto estreitava a minha, perguntou-me com a singeleza d'um menino:

—O senhor entende hespanhol?

—Entendo.

—Desejava falar com um hespanhol que me entendesse.

—Pois aqui estou ás suas ordens.

—Mas o senhor é hespanhol?

—Sim, senhor, e andaluz per maior signal.

—Que felicidade! Meu compatriota! exclamou, e começou a beijar-me a mão commovido, dizendo ao mesmo tempo:

—Eu sou granadino: nasci lá, e vou morrer aqui, não tardará, segundo asseguram os medicos; mas antes quero fazer o que fazem na nossa terra os bons christãos quando chega a ultima hora.



### Consagração do templo

—Magnifico! exclamei eu; e elle continuou:

—Ha mais de trinta annos que me não confesso, nem ouço missa. Fui um mau christão e um um mau pae, tenho necessidade de me reconciliar com Deus, já que o não posso fazer com minha unica filha.

Vê me assim; mas olhe que tenho nas minhas veias sangue nobre, um appellido illustre, e alta graduação no exercito hespanhol. Tomei parte n'uma conspiração contra o governo, e

para fugir á pena passei a fronteira disfarçado de commerciante, e aqui tenho passado durante trinta annos, a vida que lhe direi em confissão, se tiver a bondade de me escutar.

—Agora mesmo começo.

E começou... Acabou a confissão chorando como uma Magdalena.

Então, disse-lhe: a penitencia vae ser pequenina, porque o meu amigo está muito cansado: resará tres Salvês à Virgem das Angustias, padroeira do seu povo.

—A Salve!—disse fixando-me muito e derramando copiosas lagrimas:—A Salve! Não a sei já. Minha Mãe das Angustias! Haverá perdão para mim? E rompeu em soluços com o coração visivelmente opprimido.

Commovi-me, e disse-lhe:—Não se apoquente, eu o ajudarei. Ajoelh-i-me aos pés da cama e acrescentei:—Imagine que estamos no formosissimo camarim da Virgem, em Granada. e que começamos a dizer-lhe: Salve, Rainha, Mãe de Misericorda, vida, doçura.

—Ah! sim! já me recordo! vida, dorura, esperança nossa, salve. A vós bradamos os degredados... Aqui um soluço prolongado lhe abafou a voz na garganta: a vós suspiramos gemendo e chorando n'este valle de lagrimas... Esses vossos olhos misericordiosos... E' assim, Padre?

E' assim: Eia pois, Senhora, advogada nossa, os vossos olhos a nós voltei... e seguiu, só, até terminar, dando á voz a inflexão do carinho, da dôr e da confiança. Depois accrescentou:

—Ai! que oração tão formosa! Minha mãe ensinou-m'a, tendo-me sentado no seu regaço, e, quando joven, obrigava-me todas as tardes a acompanhá-la ao templo da Virgem para a rezar com ella, A ultima vez que rezei esta oração foi com minha esposa que Deus tenha em paz, dias antes d'ella morrer... Não! não! engano-me; a ultima vez foi com minha filha no Collegio de Meninas Nobres de granada, junto ao altar da purissima. Minha filha! minha esposa! Minha mãe! que tres recordações! que tres anjos! e apezar d'isso perdi-me, e talvez concorres se para a perdição da minha *Carmella*. Quando emigrei deixei-a internada n'aquelle collegio: ao chegar aqui quiz escrever-lhe; mas deixei de o fazer com medo de ser descoberto e preso; mais tarde quiz perguntar por ella á superiora, e detive-me ao pensar que lhe devia algumas mensalidades, e m'a podiam mandar, ao conhecer a minha precaria situação: depois... ah! como tinha passado tanto tempo, e eu estava aqui tão enredado, temi saber d'ella e que ella soubesse de mim. Filha da minha alma! terás morrido? Viverás, e serás victima de fundas penas e terribes soffrimentos? *Carmella* minha, aonde estás? Ai! se tu, filha, ficasses á cabeceira do meu leito, morreria feliz!...

Emquanto elle dizia isto, chorando amargamente, recordei-me de que, dando em Malaga exercicios n'um convento de freiras, encontrei lá uma religiosa a quem chamavam a orphãsinha, que me tinha contado a sua triste historia.

Tinha estado interna no collegio de Meninas Nobres de Granada, a cargo das filhas de S. Vicente; as religiosas, vendo-a só no mundo e com vocação para o claustro, tinham-lhe procurado collocação n'aquella communidade, onde vivia contentissima e era muito querida das irmãs, entre as quaes tinha chegado já, por sua virtude e boas qualidades, a Mestra de noviças. Chamavam-na M. Josepha de Jesus, tinha n'esse tempo 26 annos, orando todos os dias e fazendo certas mortificações para que Deus lhe concedesse saber de seu pae antes d'ella morrer, sem que seu espirito, em tão longo tempo, tivesse desanimado; confortava-a sempre

esta promessa de Christo: *pedi e recebereis*. Não me lembrava já bem do nome que ella dera ao pae, o mesmo nome d'ella não o tinha bem presente, mas, n'um momento veio-me á mente; como o brilho do relampago, e sem poder conter-me perguntei-lhe: A sua filha chama se Carmen R... T... de G...?

Aquelle homem olhou me com olhos de anciedade suprema e empallidecendo, exclamou: V. Rev.<sup>a</sup> conhece-a? a minha filha vive? E' feliz? Por Deus explique-se! Contei-lhe como a tinha conhecido; como ella anciava saber o paradeiro de seu pae, as lagrimas que derramava dia e noite rogando por elle, e pedindo a Deus pela sua salvação eterna, etc. etc. Elle ouvia me estupefacto, chorando copiosamente umas vezes de pena, outras de gozo: até que, n'um suspiro, me interrompeu:

—Se V. R.v.<sup>a</sup> voltar á Hespanha, levará á minha filha a benção de seu pae moribundo, e pedir-lhe-ha perdão por a ter abandonado.

—Esta ultima parte não é necessaria: ha muito que ella lhe perdoou, como provam os seus trinta annos de oração continua pedindo por seu pae. A outra parte cumpril-a-hei a seu tempo; mas agora deixemos isso, pois é preciso que se prepare para receber o Viatico.

Preparou-se e recebeu a sagrada communhão com os sentimentos da piedade mais fervorosa. Quando me pediu uma medalha, uma cruz, qualquer objecto de piedade, lembrei-me que tinha na mala uns escapularios que me offereceu a Communidade onde estava a filha. Mandei por ella, abri-a na presença do velho, e entre os escapularios vinha um Coração de Jesus, primorosamente bordado, tendo em cima preso com um alfinete uma tira de papel com a seguinte dedicatória: Soror Josefa de Jesus a seu padre director Viale; de repente conheci a mão da providencia; e cortando do papel a ultima palavra, entreguei-lh'o dizendo: Ah! tem o que Deus e sua filha lhe mandam.

Conhecia a letra, e estremeceu de alegria: levou-o ao peito e aos labios mil vezes sem poder articular palavra, até que enfim exclamou: Filha da minha alma! Virgem das Angustias! Coração de Jesus! Perdão! fui muito mau!... Graças, meu Deus! eu não merecia isto! Filha da minha alma, tu m'o has merecido com trinta annos de orações por teu ingrato pae!

Vendo que se agitava demasiado, recommende-i-lhe que pensasse no beneficio recebido, e se preparasse para bem morrer; e retirei-me promettendo-lhe outra visita.

Ao anoitecer foram ao convento dizer-me da parte dae Irmãs que o *velho hespanhol* tinha entrado na agonia, e me

desejava ver. Corri para a sua cabeceira, e nunca vi morte mais edificante Expirou constricto, cheio de confiança em Deus, invocando com filial ternura a Virgem Santissima A ultima recommendação que me fez foi esta: Diga a minha filha que me perdoe, e que morri abençoando a.

Como sabia que essa filha tinha trinta annos de continua petição, no fim dos quaes fôra attendida, rscordei estas palavras de Jesus Christo que se estavam cumprindo n'ella.

*Pedi e recebereis* Então pensei em fazer esta narração: e pôr-lhe o titulo que a encima:

*Pedi e recebereis.*

FR. A. DE VALENCIA.

## Crentes e descrentes

(Romance de propaganda religiosa)

(Continuado de paginas 224)

### IV

#### Vida patriarchal

**Q**UEM decorrido um mez, depois das scenas que deixamos descriptas nos capitulos anteriores.

Estamos, pois, no dia 10 de setembro de 1874. Comquanto se aproxime a quadra outomniça, ainda está quente a atmospherá, custando a quem estiver exposto ao sol a supportar a força do calor.

E' tambem uma quinta feira; e quem pelas seis horas da tarde passasse pela rua de Santa Catharina, ou seguisse, no seu cruzamento, pela de Fernandes Thomaz, veria á porta da capella das Almas de Santa Catharina, exactamente como no começo d'este romance, a senhora Luiza e a sua comadre D. Anna, que vinham tambem, como ha muitos annos era seu invariavel costume, de assistir á encerração Santissimo Sacramento.

Comquanto, porém fossem as mesmas pessoas, não se davam já as circunstancias pungentes, que se deram no dia em que tivemos a honra de as apresentar ao leitor.

Agora a boa da Luiza tem cara de mais satisfação, porque o seu Manoel, já completamente restabelecido, trabalhava na fabrica do snr. Cruz, em Lordello do Ouro, e a sua Guilhermina, graças ao cuidado d'um facultativo, estava muito melhor.

Ouçamol-as um pouco, em quanto se dirigem para casa. Tenha paciencia o leitor, porque já o mesmo lhe fizemos logo no começo d'este romance.

—Ah! comadre, comadre, nunca imaginei que voltasse na sua companhia a adorar o Santissimo Sacramento n'esta egreja, sobretudo com a satisfação que hoje tenho—dizia a pobre da Luiza



ebria de contentamento—tudo isto o devo á minha boa comadre.

—Ja lhe teuhô dito, que não quero ouvir dizer pateticos. A esse respeito temos conversado. O que eu lhe fiz, outra qualquer pessoa lhe fazia, porque nós somos uns para os outros. A caridade ainda não acabou.

—Ora não me diga isso, porque, hade desculpar, mas não é verdade. Ha pessoas, caridosas, não ha duvida, mas como a comadre, isso é que ainda não encontrei. Não me canço de pedir a Deus pela sua saude, e pela do seu marido.

—Ja lhe disse que não quero ouvir fallar n'isso.

—Ha-de-me permittir que pelo menos, lhe falle hoje, porque me está parecendo que se não fallo arrevento. Quem era capaz, como a comadre de me emprestar dinheiro para todas as despezas, em quanto o meu Manoel não pôde trabalhar? Quem era capaz, como a comadre de lhe arranjar logar n'uma fabrica, onde ella se dá tam bem, e onde tem ganho tom boas ferias? Mas sobretudo o que seria feito da minha Guilhermina, se a minha boa comadre não olhasse por ella, e a não mandasse para os ares, onde ella parece ter ganho mais saude?

—Parece? Olhe que é certo. Pois não ouviu a carta que minha irmã escreveu, dizendo que ella já tem melhores cores, que já come melhor, e dá maiores passeios? Isso que é então, senão ter mais saude?

—E' verdade, comadre, é verdade. Tem razão, mas que quer? E' tamanha a felicidade que sinto, que já não sei o que digo.

N'estas alturas já iam perto da igreja da Trindade.

De repente D. Anna bateu-lhe no hombro, como se se recordasse d'algum facto importante, que interessasse á comadre.

—E' verdade, olhe lá... já me ia esquecendo; tenho uma incumbencia a fazer-lhe, e espero que cumprirá o que lhe peço.

—Ora essa! Que me pedirá a comadre que eu não faça?

—E' muito simples, e muito facil o que lhe vou pedir. Trata-se d'uma senhora que se dá mal com o marido, e que deseja a paz de sua casa. E como tem muita devocão com Nossa Senhora, tem feito muitas promessas e eu desejava poder satisfazel-as.

—Ainda não pude comprehender o que a comadre de mim deseja.

—Pois não me interrompesse, que eu talvez já tivesse concluido. A tal senhora que é amiga d'uma senhora minha conhecida, deseja que algumas almas boas ouçam missas por sua intenção, na esperanza de que Nossa Senhora pedirá a seu Santissimo Filho por ella.

—O' comadre, se é só isso o que deseja, de mil vontades lhe satisfazo o que me pede. Já amanhã saio de casa ao romper do dia e prometto ouvir todas as missas que puder por intenção d'essa pobre senhora. Coitadinha! e eu que sempre tive pena das pessoas que soffrem, seja qual fôr o soffrimento que tenham! E olhe, comadre, eu sempre ouvi dizer, que ás vizes o soffrimento moral é muito peor do que o soffrimento physico.

—Lá isso é verdade, comadre. E obrigado por ter annuido tam promptamente ao meu pedido.

—Ora essa! Então não havia de lhe fazer a vontade, fosse elle no que fosse! Eu ainda que pozesse a cara onde a minha boa comadre põe os pés, não fazia nada de mais, tantos e tamanhos são os favores que lhe devo!

—Não diga isso, porque faz perder algum merecimento que tenha perante Deus o pouco que eu faço n'este mundo.

Haviam chegado ao Carmo. Como porém o marido de Luiza fosse trabalhar na *Fundição do Ouro*, e lhe ficasse portanto muito aff stada a residencia em que viviam, e como por outro lado a sua Guilhermina estivesse ausente em Aronca, em casa d'uma irmã de D. Anna, e elles ficassem mais livres, f ram residir para uma pequena, mas linda casinha em Villar.

Em vista d'isso separaram-se as duas comadres, seguindo Luiza em direcção, pela rua do Paço, ao largo de Duque da B ja, e D. Anna para o lado dos Clerigos.

Quando Luiza chegou a casa era quasi noite. A casa estava só, pois que ninguem ficara no interior, mas estava tam linda e aseada que causava vontade de qualquer pessoa ahi entrar.

Abriu, pois, a porta e entrou. Mal tirou o chaile e o lenço, foi tratar da ceia, para si, e para o marido. Quando este, meia hora depois, entrou em casa, depois de fiada a sua faina diaria, estava a ceia prompta. No fogão fumegava um tacho com a comida em completa preparação, em quanto que, sobre a meza uma toalha muito alva estendida, fazia convidar os moradores a assentarem-se junto d'ella.

Foi o que fez logo Manoel.

Luiza tronxe a ceia, distribuiu-a pelos pratos, e depois de fazer uma ligeira oração, sentou se defronte do marido, e ambos começaram a ceiar.

(Continúa)

A. PEIXOTO DO AMARAL.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Santo Isidoro, Bispo, Martyr

(Vid. pag. 231)

Nasceu em Sevilha, no principio do

seculo. V. Depois de florescer em todo o genero de virtudes, foi eleito bispo de Saragoça, na Hespanha, tendo succedido a Valeiro III.

Como era intransigente com os polytheistas das religiões gregas e latinas, incorreu na ira dos atheus, que o mataram no dia 2 de janeiro do anno de 466, sendo o seu corpo atirado ao rio Minho, proximo da cidade de Orense.

Presidia então Santo Hilario á santa Igreja catholica, sendo Severo imperador romano do Occidente, e Leão I imperador do Oriente.

\* \* \*

## A consagração do templo de Jerusalem

(Vid. pag. 237)

Salomão, auxiliado por Hiram, rei de Tyro mandou edificar em Jerusalem o soberbo templo, dedicado ao verdadeiro Deus, sobre a collina de Moriab. Apesar da immensidade de gente, empregada n'esse trabalho, pois que só carpinteiros a cortarem os cedros do Libano eram 30:000, e pedreiros a preparar as pedras eram nada menos que 80:000, ainda assim levou a obra oito annos e meio a concluir.

E tolvavia o templo não era excessivamente grande, pois que, segundo a Escripura, apenas tinha 60 covados de comprimento, 20 de largura, e 30 de altura. Era, porém notabilissimo pela riqueza dos seus ornamentos.

Comprehendia quatro partes, ou divisões: a primeira era destinada aos gentios e aos estrangeiros, a segunda aos judeus, e a terceira aos sacerdotes. A quarta divisão era o *Santa Sanctorum* (o Santo dos Santos), onde estava a Arca da Alliança, e onde só podia entrar uma vez por anno o grande sacerdote.

A nossa gravura de hoje representa as festas que se celebraram em Jerusalem por occasião da consagração do grande templo.

## SECÇÃO NOTICIOSA

### Sua Santidade de Leão XIII

Não se cansam os jornaes *liberaes* de dizerem que Sua Santidade está muito doente, que está em perigo de vida, que o medico não o deixa sair dos seus aposentos, que o governo italiano já pensa em quem será o seu substituto, etc. etc. Por onde se collige que é bem certo o aphorismo latino de que *quod volumus facile credimus*.

O que é certo é que o supremo pastor da Igreja catholica passa muito regular na sua importante saude, e muito se tem occupado com a questão das congregações religiosas, tanto do que está succedendo em França, como nos demais paizes da raça latina.

Ainda ha dias recebeu em audiencia particular a Mgr. Devornic, novo bispo de Zara. Tambem conferiu a cruz de commendador da ordem de Pio IX a Tattulla Khayate, nobre syrio de Constantinopla, pelos eminentes serviços prestados á Santa Sé.

### Encyclopédia Portuguesa Illustrada

Accusamos a recepção do fasciculo 138 d'este valioso dictionario universal, publicado sob a direcção do snr. dr. Maximiano Lemos, lente da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Comprehende 427 artigos e 18 figuras (*Cremadeiro a Crioulo*). Entre os artigos mais notaveis d'este fasciculo citaremos *Crime*, escripto na parte relativamente á medicina legal pelo snr. dr. Roberto Frias, e na relativa a direito pelo snr. dr. Domingos Ramos.

Continua a assignar-se este excellento dictionario em todas as livrarias e no escriptorio da empresa Lemos & C.<sup>a</sup>, successor Largo de S. Domingos, 63-1.<sup>o</sup> Em Lisboa, são correspondentes os snrs. Balem & C.<sup>a</sup>, Rua do Marechal Saldanha, 26.

### Pastoral

Recebemos a Pastoral, que o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Francisco Ferreira da Silva, Deão da Sé Cathedral, e Governador do bispado de Cabo Verde acaba de publicar, referente ao Jubileo do Anno Santo. N'ella apresenta o illustrado ecclesiastico a Encyclica de 1 de Novembro, e a bulla de 25 de dezembro de 1900, em que Sua Santidade concede o jubileo a todo o orbe catholico, publicando em seguida as instrucções ao clero e aos fieis da diocese, conducentes ao dito fim tanto para a Sé Cathedral, como para a igreja parochial de Nossa Senhora do Rosario.

Agradecemos o exemplar offerecido á redacção.

### Collegio de Santa Maria

Recebemos e agradecemos um opusculo, publicando o resultado dos trabalhos escolares, n'este conceituado collegio, durante o anno lectivo de 1900 1901. Por elle se vê que houve 149 alumnos matriculados, 62 approvações, e 15 distincções.

### Voz de Santo Antonio

Recebemos o n.<sup>o</sup> 9 d'esta revista mensal illustrada, correspondente ao mez de setembro d'este anno. Publica quatro gravuras: *Momentos de tristeza*; *Monumento a Kneipp*; *Capella expiatoria em Querretaro*; e *o vapor allemão «Caus» na ultima expedição ao polo sul*.

Na parte litteraria traz, como sem-

pre, uma variadissima selecção de trechos. Agradecemos.

### As eleições

No domingo 6 d' este mez procedeu-se ao acto das eleições geraes para deputados em todo o paiz.

Pelo Porto saíram eleitos (pelo circo n.<sup>o</sup> 5—bairro oriental) os snrs. Alberto Navarro, Antonio Barbosa de Mendonça, Carlos Soares Cardoso, Clemente dos Santos Pinto e Christovão Ayres, regeneradores e Vellado da Fonseca e Paulo de Barros, progressistas. —Pelo circo n.<sup>o</sup> 6, —bairro occidental) os snrs: Padre Eduardo d'Almeida Brandão, Augusto da Silva Monteiro, Padre Francisco José Patricio, José da Cunha Lima e Dr. Manoel de Souza Avides, regeneradores. Dr. Francisco Joaquim Fernandes e Dr. Henrique Carlos de Meirel-eskendall, progressistas.

Por Braga, propunha o centro nacional, o Ex.<sup>mo</sup> Dr. Domingos Pinto Coelho, eminente jurisconsulto da capital. Mas tamanha foi a guerra que lhe fizeram governamentais e progressistas, que o talentoso advogado não conseguiu sahio eleito

Não se imagina o que se passou nas diferentes assembleas que compõem o circo n.<sup>o</sup> 1 (Districto de Braga)!

Na assemblea de S. Victor, onde devia ter numerosa votação a qual a meza apenas lhe concedeu 4 votos!

E foi tamanha a guerra que ahi lhe promoveram, que quando se apresentou a votar o Rev.<sup>mo</sup> Dr. João Nepomuceno Pimenta, bem conhecido em toda a cidade não foi reconhecido para votar!

Em Terras do Bouro, não houve eleição, porque se sabia que o candidato nacionalista obtinha grande maioria.

Final, *consequiu-se* o resultado seguinte, segundo affirma a *Turde* folha semi-official do governo: regeneradores 16:000 votos, progressistas 13:000 e nacionalistas 11:000!

O que tem infinita graça é dizerem os jornaes liberaes que o centro nacional *fez fiasco*, confessando aliás, por outro lado, que o governo roubou descaradamente a eleição dos republicanos no Porto! De forma que uns, os republicanos, perdem a eleição, apesar de constituido o partido ha dezenas d'annos, obtendo uma pequena minoria, e são roubados; os nacionalistas, cujo partido se firmou ha dias chegando a obter uma verdadeira victoria, pois que —apazar de tudo—quasi h'ambreu com os mais votados, esse então *fez fiasco!*

Como as almas apaixonadas escrevem a historia!

### Varias noticias

—Foram apresentados conegos da sé patriarcal de Lisboa os presbyteros

Antonio Ayres Pacheco, conego do Funchal, e João Manoel Teixeira, professor do seminario de Santarem.

—Foram apresentados: o Rev. José Raymundo, na igreja do Valle das Eguas, concelho do Sabugal, diocese da Guarda; e o Rev. Manoel Paes d'Abrantes Mamede, na igreja de Santa Comba, diocese da Guarda. E foi acceite a renuncia ao Rev. Joaquim da Cruz Peralta da igreja do Monte da Pedra.

## SECÇÃO NECROLOGICA



### Fallecimentos

Falleceu no dia 6 do corrente o exc.<sup>mo</sup> snr. Lino Marques da Nova, bem conhecido e conhecido commerciante d'esta praça, director da fabrica de moagens «Harmonia». Era um bom chefe de familia, e um verdadeiro homem de bem. A seus filhos, os exc.<sup>mos</sup> snrs. José Marques Alves Dias e Joaquim Marques Alves Dias, bem como á restante familia enlutada damos os nossos sentidos pesames, e pe-limos aos nossos leitores uma prece por alma do finado.

—Tambem falleceu no dia 9 do corrente, o exc.<sup>mo</sup> snr. Antonio de Salles de Souza Guedes, cavalheiro respeitabilissimo d'esta cidade, e irmão dos exc.<sup>mos</sup> snrs. Miguel de Souza Guedes, Agostinho de Souza Guedes, D. Maria de Souza Guedes e D. Emilia de Souza Guedes.

Os officios de corpo presente verificaram-se na sexta feira 11, pelas 10 horas da manhã, na igreja dos Extinctos Carmelitas, sendo grande e selectissima a concorrência, apesar de, por expressa determinação do finado, se não terem feito convites.

Damos sentidissimos pezames a toda a illustre familia do finado, e aos nossos leitores pedimos uma prece ao Altissimo para eterno descanso da alma do fallecido.

## EXPEDIENTE

**Pedimos aos nossos bondosos assignantes que se acham em debito do anno corrente, a fineza de mandarem satisfazer de prompto e aquelles que não o fizeram até meados d'este mez. n'esse caso, de novo tornaremos a saccar pelo correio, pedindo-lhes que logo que recebam aviso o satisfaçam para nos evitar a novas despezas.**

**Os saques serão feitos pela quantia de 50 reis, pois os 50 reis que vão acima são para ajuda da despeza do saque.**

A Administracção.

# Testemunho da Fé

POR

**D. Maria de Castro Menezes**

Um elegante volume proprio para premios.

Brochado . . . . . 300 reis  
 Cartonado . . . . . 400 »

**Titulos dos capitulos:**

PRIMEIRA PARTE	SEGUNDA PARTE
Capitulo I — A thetarchia.	Capitulo I — Findou o teu reinado.
Capitulo II — Fogo no paço!	Capitulo II — A abdicção.
Capitulo III — A sybilla de Cumas.	Capitulo III — A filha do Senador.
Capitulo IV — A perseguição.	Capitulo IV — Em Salone.
Capitulo V — A era dos martyres.	Capitulo V — Os evangelhos.
Capitulo VI — O capitão da guarda pretoriana.	Capitulo VI — As aguas do Tibre.
Capitulo VII — Valeria.	Capitulo VII — Constantino.
Capitulo VIII — Aglae.	Capitulo VIII — O magico.
Capitulo IX — Hoje no poder, amanhã de-posto.	Capitulo IX — Acabaram os denses.
	Capitulo X — Paz á Igreja.

**CATECISMO DE PERSEVERANÇA**  
 do Padre Gaume, 8 elegantes volumes em brochura 8\$500, encadernação de carneira ou percalina 11\$700, meia encadernação 10\$900; accresce o porte para a provincia.

A' venda no escriptorio do editor catholico Antonio Dourado, Rua das Flores, 42-1.º andar—PORTO.

CONDE DE SAMODÃES

## O MEZ DOS FINADOS

*Meditações para todos os dias do mez de novembro*

Preço—Enc. 100 reis

## Modo d'ouvir missa pelos defunctos

Preço—Enc. 160 reis

Vendem-se na Typographia Catholica—Rua da Picaria, 74—PORTO.

## A MÃE

SEGUNDO A VONTADE DE DEUS  
 OU

### Deveres da Mãe Christã

PARA COM SEUS FILHOS

Vertido da 4.ª edição franceza a

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Prefaciado por varios escriptores catholicos. Preço 600 reis.

# Cartas Encyclicas de S. S. Leão XIII

4 VOL.

Brochado . . . . . 2\$500  
 Enc. . . . . 2\$500

## HORAS DE PIEDADE

OU ORAÇÕES SELECTAS

Com approvação e recommendação de S. Em.ª o Snr. Cardeal Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto

3.ª edição coordenada e consideravelmente augmentada

1 vol. enc. 250

## AS CHAMMAS DO AMOR DE JESUS

Ou provas do amor que Jesus tem testemunhado na obra da nossa redempção, pelo Abhade D. Pinnard. Tradueção pelo Reverendo Padre Silva professor do Collegio de Cuetjães e precaddido d'uma carta encomiastica de Monsenhor Rodrigues Vianna, dignissimo director espirituale dos Seminarios Diocesanos do Porto. E um livro precioso e já conta as valiosissimas approvações e recommendações do Em.º Sr. Cardeal D. Americo, Bispo do Porto; Em.º e Rev.º Sr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e dos Ex.ºs Srs. Bispos d'Angra, de Macau, do Funchal, e do Arcebispo Bispo do Algarve. Um volume de perto de 500 paginas in-16. 2.ª edição. Preço brochado, 500 reis e pelo correio 540 reis; encadernado, 700 e reis pelo correio. 740

## Flores a S. José

**Meditações para o seu Mez**

OU

**Qualquer tempo do anno**

COM

*Exemplos apropriados, colloquios, etc.*

Extrahidas das Sagradas Escripturas, Santos Padres, doutores da Igreja e outros eminentes auctores

E COORDENADAS POR

A. L. F.

*Obra approvada e indulgenciada*

Preço, enc. . . . . 200

## As Tres Rosas dos Escolhidos

*Tradueção da 2.ª edição franceza*

PELO

Ex.º Sr. Conde de Samodães

Com um breve de Sua Santidade Leão XIII

*Approvada e recommendada pelo Em.º Sr. D. Americo, Cardeal Bispo do Porto*

e pelo Ex.º Sr. D. João Maria, Bispo d'Angra

TERCEIRA EDIÇÃO

PREÇO, 200 REIS

Quem comprar 10 exemplares receberá 12 francos de porte, dirigindo-se ao editor José Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—Porto.

O editor faz grande abatimento a quem de-sejar fazer propaganda d'esta importante obra.

FORMULA DA CONSAGRAÇÃO

AO

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Preço de cada exemplar 10 rs.

Britton Edwards

## A LIBERDADE

OU

ESCANDALOS DOS NOSSOS DIAS!

CONTRA OU A FAVOR DAS CONGREGAÇÕES?

Preço—Avulso 150 reis

Para propaganda—Fazem-se grandes descontos. Fallar na Typ. Catholica de José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74 PORTO.

CONDE DE SAMODÃES

## O MEZ DE MAIO

CONSAGRADO Á

Santissima Virgem Mãe de Deus

**Novo manual para os exercicios de devoção n'este mez com a collaboração poetica de Antonio Moreira Bello—Indulgenciado e approved pelo Em.º e Rev.º Sr. Cardeal Bispo do Porto.**

Preço 400 reis

## Coroa do Coração de Jesus

Compõe-se de cinco dezenas em honra das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Christo. Cento, 600; avulso, 40 reis.

Todos estes livros se vendem na Redacção do "Progresso Catholico",—Rua da Picaria, 74—PORTO.

**José Joaquim d'Oliveira**

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 103—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas familias reaes Portuguezas.

SOUZA MACARIO

## Poema da Natureza

1 vol. de 144 paginas

Preço, franco de porte, 400 reis

Vende se em todas as livrarias, na redacção d'este jornal e na Imprensa Commercial, rua da Conceição, 35—Porto.

## O LIVRO DE TODOS

POR

O Abbade J. Berthier, M. S.

VERTIDO DA ULTIMA EDIÇÃO FRANCEZA

POR

A. PEIXOTO DO AMARAL

Preço: Broch., 600; enc., 700

**A Santa Montanha de La Salette**—Por A. J. Almeida Garret—Aprovado pelo Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. 400

**A Questão dos Jesuitas**—Por J. F. da Silva Esteves—1. vol., broch. 600

**Uma Visita a Lourdes**—Peol Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 200

**Catecismo** para uso do povo contra o protestantismo, composto pelo Cardeal Guesta, Arcebispo de S. Thiago—Aprovado pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto, 1 vol., broch. 50

**A Mulher**—Apontamentos para um livro, por A. Severo Catalino, traduzido pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães—1 vol., broch. 400

**Resumo da Doutrina Christã**—Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—Cada ceto, 15000 reis—Um exemplar. 20

**Formula da Consagração ao Sagrado Coração de Jesus**—Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1889—Tradução approvada pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar. 10

**Ladainhas ao Sagrado Coração de Jesus**—Aprovadas para toda a Egreja pelo Summo Pontifice Leão XIII, por decreto da S. C. dos Ritos de 2 de abril de 1899. 40

**Forma** de se ganhar com especialidade a Indulgencia da Porciuncula—1 folheto. 50

**Preços** que por ordem de Sua Santidade de Leão XIII, devem ser recitados de joelhos, depois das missas rezadas em todas as egrejas do orbe catholico—Tradução approvada pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Bispo do Porto—Em portugez, 10 reis—Em latim e portugez. 50

## À VENDIDA

Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral

## VIEIRA-PRÉGADOR

Estudo philosophico da eloquencia sagrada

Segundo a vida e as obras

DO

GRANDE ORADOR PORTUGUEZ

A obra consta de dois volumes em 8.<sup>o</sup> grande, que comprehendem ao todo 1:132 paginas nitidamente impressas em excellente papel assetinado (*typo elzivir.*)

O primeiro volume é illustrado com um primoroso retrato de Vieira (phototypia da casa BIEL.) expressamente composto para esta obra pelo distincto professor de desenho historico da Academia Portuense de Bellas-Artes.

Como foram numerosissimos os exemplares comprados por assignatura restam poucos exemplares d'esta importantissima obra.

Preço dos dois volumes . . . . . 25000 reis  
Pelo correio . . . . . 25170 »

Vende-se em casa do editor **José Fructuoso da Fonseca**, rua da Picaria. Os pedidos que não venham acompanhados da sua importancia não serão satisfeitos.

## O MEZ DOS FINADOS

Meditações para todos os dias do mez de NOVEMBRO

Com approvação do Em.<sup>mo</sup> Snr. Cardeal Bispo do Porto

1 vol. broch., 300; enc. 400.

## Historia de S. Francisco de Sales

PELO MARQUEZ DE SÉGUR

Traduzida por MANUEL FONSECA

1 vol., broch., 600

## TYPOGRAPHIA CATHOLICA

DE

JOSÉ FRUCTUOSO DA FONSECA

72 - Rua da Picaria, 74 - PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com todo o esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

ESPECIALIDADE EM BILHETES DE VISITA

Aos catholicos pede o proprietario a preferencia dos seus trabalhos